

1ª Edição

Leticia Domingues Zappelini



ESPAÇO PARA A DIGNA VALORIZAÇÃO DA VIDA NO SISTEMA PRISIONAL

QUE CUIDE DO DEPENDENTE QUÍMICO
DE CRACK E OUTRAS DROGAS



São Paulo | 2026

1ª Edição

Leticia Domingues Zappelini



ESPAÇO PARA A DIGNA VALORIZAÇÃO DA VIDA NO SISTEMA PRISIONAL

QUE CUIDE DO DEPENDENTE QUÍMICO
DE CRACK E OUTRAS DROGAS



São Paulo | 2026

1.^a edição

Autora

Letícia Domingues Zappelini

**ESPAÇO PARA A VALORIZAÇÃO DA VIDA NO SISTEMA
PRISIONAL: CUIDADO AO DEPENDENTE QUÍMICO DE
CRACK E OUTRAS DROGAS**

ISBN 978-65-6054-363-8



ESPAÇO PARA A VALORIZAÇÃO DA VIDA NO SISTEMA
PRISIONAL: CUIDADO AO DEPENDENTE QUÍMICO DE *CRACK* E
OUTRAS DROGAS

1.^a edição

SÃO PAULO
EDITORA ARCHÉ
2026

Copyright © dos autores e das autoras.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença *Creative Commons Internacional* (CC BY- NC 4.0).



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Z39e Zappellini, Letícia Domingues.
Espaço para a valorização da vida no sistema prisional [livro eletrônico] : cuidado ao dependente químico de crack e outras drogas / Letícia Domingues Zappellini. – 1. ed. – São Paulo, SP: Editora Arché, 2026.
48 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue.

ISBN 978-65-6054-363-8

1. Consumismo – Drogas. 2. Crack – Dependência química. 3. Proteção à saúde mental – Sistema prisional. 4. Tratamento penal – Brasil. I. Título.

CDD 365.6

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Revista REASE cancelada pela Editora Arché.

São Paulo- SP

Telefone: +55 55(11) 5107-0941

<https://periodicorease.pro.br>

contato@periodicorease.pro.br

1ª Edição- *Copyright*© 2026 dos autores.

Direito de edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do (s) seu(s) respectivo (s) autor (es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referenciais bibliográficos são prerrogativas de cada autor (es).

Endereço: Av. Brigadeiro Faria de Lima n.º 1.384 — Jardim Paulistano.

CEP: 01452 002 — São Paulo — SP.

Tel.: 55(11) 5107-0941

<https://periodicorease.pro.br/rease>

contato@periodicorease.pro.br

Editora: Dra. Patricia Ribeiro

Produção gráfica e direção de arte: Ana Cláudia Néri Bastos

Assistente de produção editorial e gráfica: Talita Tainá Pereira Batista e José Rafael Santos da Silva.

Projeto gráfico: Ana Cláudia Néri Bastos.

Ilustrações: José Rafael Santos da Silva, Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista.

Revisão: Ana Cláudia Néri Bastos, José Rafael Santos da Silva e Talita Tainá Pereira Batista.

Tratamento de imagens: Ana Cláudia Néri Bastos

EQUIPE DE EDITORES

EDITORA- CHEFE

Dra. Patrícia Ribeiro, Universidade de Coimbra- Portugal

CONSELHO EDITORIAL

Doutoranda Silvana Maria Aparecida Viana Santos- Facultad Interamericana de Ciências Sociais - FICS

Doutorando Alberto da Silva Franqueira-Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Me. Ubiranilze Cunha Santos- Corporación Universitaria de Humanidades Y Ciências Sociales de Chile

Doutorando Allysson Barbosa Fernandes- Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Doutor. Avaeté de Lunetta e Rodrigues Guerra- Universidad del Sol do Paraguai- PY

Me. Victorino Correia Kinhama- Instituto Superior Politécnico do Cuanza Sul-Angola

Me. Andrea Almeida Zamorano- SPSIG

Esp. Ana Cláudia N. Bastos- PUCRS

Dr. Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

PhD. Diogo Vianna, IEPA

Dr. José Fajardo- Fundação Getúlio Vargas

PhD. Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

Dra. María V. Albaronedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Dra. Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

Dr. José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

PhD. Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Dra. Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Dra. Sandra Moitinho, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Eduardo José Santos, Universidade Federal do Ceará,

Dra. Maria do Socorro Bispo, Instituto Federal do Paraná, IFPR

Cristian Melo, MEC

Dra. Bartira B. Barros, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Roberto S. Maciel- UFBA

Dra. Francisne de Souza, Universidade de Aveiro-Portugal

Dr. Paulo de Andrada Bittencourt – MEC

PhD. Aparecida Ribeiro, UFG

Dra. Maria de Sandes Braga, UFTM

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Editora Arché declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art.º 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *ecommerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

"Tudo flui e nada permanece; tudo se afasta e nada fica parado...você não consegue se banhar duas vezes no mesmo rio, pois outras águas e ainda outras sempre vão fluindo...é na mudança que as coisas acham repouso..."

— Heráclito, fragmentos

RESUMO

A presente obra contempla o tema do abuso de drogas na população das pessoas que cumprem privação de liberdade e as supostas causas desse uso relacionadas ao contexto contemporâneo da sociedade. A ênfase são os questionamentos sobre o vício em substância psicoativa e as suas múltiplas repercussões. A proteção e o cuidado com a saúde mental dessa população é prioridade nesse estudo. O objetivo abrange conhecer como a sociedade e as instituições se articulam com o fenômeno do consumismo de crack e outras drogas relacionando situações no Rio Grande do Sul de maneira a construir formas de intervenção na busca de propostas para contribuir com a evolução do tratamento penal.

Palavras-Chaves: Consumismo. Drogas. Proteção. Tratamento Penal.

ABSTRACT

This paper considers the issue of drug abuse in the population of persons serving deprivation of liberty and the supposed causes of this use related to the context of contemporary society. The emphasis are the questions about the addiction to psychoactive substance and its multiple repercussions. The protection and care for the mental health of this population is a priority in this study. The objective includes knowing how society and institutions are linked with the consumption of crack and other drugs phenomenon relating situations in Rio Grande do Sul in order to build forms of assistance in the search for proposals to contribute to the development of the criminal treatment.

Keywords: Consumerism. Drugs. Protection. Criminal treatment.

RESUMEN

Este trabajo aborda el problema del consumo de drogas entre personas privadas de libertad y las supuestas causas de dicho consumo en el contexto social actual. Se hace hincapié en la adicción a sustancias psicoactivas y sus múltiples repercusiones. La protección y el cuidado de la salud mental de esta población constituyen una prioridad en este estudio. El objetivo es comprender cómo la sociedad y las instituciones interactúan con el fenómeno del crack y el consumo de otras drogas, analizando la situación en Rio Grande do Sul, con el fin de diseñar intervenciones que contribuyan a la evolución del tratamiento penitenciario.

Palabras Clave: Consumo de Drogas. Droga., Protección. Tratamiento Penitenciario.

APRESENTAÇÃO

Alguns projetos que servem para determinados contextos precisam ser executados, de acordo com a condição encontrada. Desse modo, a utilização da metodologia viável e a justificativa legítima favorecem a evolução do trabalho profissional. É imprescindível ampliar propostas nos diversos setores que contemplem e subsidiem o tratamento penal e a criação de análises que possam (re) pensar a instituição e favorecer as áreas prisionais: da educação, cultura, trabalho e saúde, de acordo com cada local. Os analistas da Polícia Penal - Ciências da Saúde – Psicologia, devem contribuir com possíveis intervenções para pensar sobre os sintomas produzidos pela cultura, visando o cuidado psicológico para promover dignidade e qualidade no viver. É imprescindível a criação de espaços de conversação, reflexão e troca de experiências entre os usuários de forma a facilitar a socialização do sujeito e proporcionar conhecimentos para oferecer espaço de participação nas diversas etapas do seu tratamento. É necessário criar espaço que oportunizem a expressão de sentimentos, dúvidas, cultura e desejos. Dessa maneira, é importante contribuir com intervenções éticas que integre a promoção da saúde mental e a garantia de direitos para a prevenção da violência e a preparação para a liberdade com responsabilidade e autonomia. A missão

da SUSEPE (Superintendência dos Serviços Penitenciários) / Polícia Penal, pode ser descrita como a instituição que deve proporcionar a inserção social e digna das pessoas que cumprem privação de liberdade. Dessa maneira, os trabalhos das (os) técnicas (os) superiores penitenciárias (os) estão diretamente relacionados com essa missão. Além disso, poder "transgredir o cárcere mental" e criar outras formas de intervenções que possam colaborar para a socialização de quem cumpre pena. Assim, as propostas civilizatórias e humanizadas para interagir se fazem fundamentais. A profissional precisa ter uma conduta justa, embora não deve julgar e a intervenção pode ser no sentido de saber sobre a vida de quem está sendo tratado, mas sem deixar que preconceitos se apresentem como inoportunos. Assim, a postura precisa ser profissional e respeitar cordialmente os outros para manter um clima de harmonia e coleguismo entre os funcionários da instituição. É fundamental construir modos de ações e elaborar projetos possíveis que não sejam estigmatizantes e colaborem para humanizar a vida de quem se encontra no cárcere. É importante acreditar no potencial dos sujeitos e oportunizar medidas sempre de forma ética para preparar para a liberdade com responsabilidade. Além disso, poder ajudar o indivíduo a evoluir com dignidade e autonomia dentro do contexto civilizatório e com os

parâmetros justos da lei vigente. O trabalho de Saúde para a valorização da vida contribui com possíveis intervenções para pensar sobre os sintomas produzidos pelo abuso de drogas no contexto, visando o cuidado psicológico para promover qualidade no viver. O tema sobre prevenção ao vício do crack e outras drogas torna-se necessário para refletir e intervir nesse âmbito. Pretende-se abordar esse assunto de modo a promover conhecimento para a melhor compreensão da problemática da dependência química e suas particularidades. Dessa forma, é possível favorecer os processos que potencializam o bem-estar vital. A meta refere-se a: Como o contexto prisional se articula com o fenômeno do vício ao crack e outras drogas, de maneira a propor intervenções no tratamento e prevenção relacionados à droga. A proposta é pensar de maneira mais abrangente e intervir nos locais. Não se pretende propostas acabadas nem oferecer soluções definitivas. A ideia é incentivar o diálogo constante e que possa contribuir para o pensamento construtivo que propicie ações com a intenção de criar nos estabelecimentos prisionais novas rotas para potencializar a saúde. O interesse pelo tema de pesquisa partiu da necessidade de realizar tratamento penal nos encontros com os usuários, praticados no estabelecimento do sistema

prisional, mas permeados pelas instituições¹ que enunciam a produção social na atualidade em percursos de vida. Compreendendo que a escuta terapêutica ocorre de forma ética, já que a pessoa que cumpre privação de liberdade já foi julgada e condenada. Desse modo, é preciso saber o que o sujeito necessita e proporcionar as possíveis condições para efetivar o tratamento penal. Levando-se em conta o contexto social em que o usuário está inserido, é possível contribuir na produção de espaços saudáveis e inseridos socialmente, promovendo o respeito à cidadania.

A reflexão sobre a construção do consumismo² no contemporâneo é importante para compreender algumas consequências nocivas no contexto social. Para isso, aborda-se a dependência química (com ênfase no uso do *crack*³) como referência para pensar uma das formas de expressão do consumismo (sintoma social contemporâneo) e sua influência para aumentar o individualismo.

¹ O significado de *instituição* nesse trabalho se refere ao que (Baremlitt, 2002, p.156), propõe que “são árvores de decisões lógicas que regulam as atividades humanas, indicando o que é permitido e o que é indiferente. Segundo seu grau de objetivação e formalização, podem estar expressas em leis (princípios - fundamentos), normas ou hábitos”.

² De acordo com Costa (2004), há diferença entre consumo e consumismo, já que o consumo é necessário para a sobrevivência e o consumismo seria um excesso compulsivo, insaciável na busca de um ideal/ representativo, que não é atingido.

³ Segundo dados do Ministério da Saúde (2008): o *crack* deriva da mistura de cocaína, bicarbonato de sódio ou amônia e água destilada e são fumados em cachimbos. O surgimento do *crack* se deu no início da década de 80. São elevados os índices de dependência nos usuários e alcança proporções epidêmicas na população.

Desse modo, se faz pertinente analisar as práticas clínicas de saúde, a partir dos recursos da Análise Institucional e contribuir para possíveis mudanças nas políticas públicas visando à promoção da saúde e a inclusão social. Ao analisar alguns dos aspectos do contemporâneo e por estar-se inserida como profissional da psicologia no sistema prisional em tempo que soma mais de 15 (quinze) anos, busca-se implementar as oportunidades para a realização do tratamento penal. Há o compromisso com algumas das ideias humanitárias e solidárias almejadas na profissão da psicologia. Pensar na alteridade contribui para enfrentar, de forma coerente, o individualismo contemporâneo, de maneira responsável e comprometida com a sociedade, acreditando que é possível haver propostas construtivas para superar o individualismo e criar redes de resistência, como possibilidades de enfrentar as formas instituídas. Assim, salienta-se a importância dos serviços em saúde oferecidos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	20
ENTRE O CÁRCERE E O CUIDADO: DEPENDÊNCIA QUÍMICA, SOFRIMENTO SOCIAL E A NECESSIDADE DE VALORIZAÇÃO DA VIDA NO SISTEMA PRISIONAL	
CAPÍTULO 02	25
SAÚDE MENTAL E DEPENDÊNCIA QUÍMICA NO SISTEMA PRISIONAL: ENTRE O SOFRIMENTO E A POSSIBILIDADE DE CUIDADO	
CAPÍTULO 03	29
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO E HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO: CAMINHOS PARA A VALORIZAÇÃO DA VIDA NO SISTEMA PRISIONAL	
CAPÍTULO 04	35
CONCLUSÃO GERAL	
REFERÊNCIAS.....	41
ÍNDICE REMISSIVO	44

CAPÍTULO 01

PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO

PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO

A compreensão do fenômeno do uso abusivo de drogas no sistema prisional exige uma análise aprofundada das transformações sociais contemporâneas, especialmente no que se refere à produção de subjetividades e aos modos de vida influenciados pela cultura do consumo. Conforme aponta Costa (2004), o individualismo exacerbado e a busca incessante por satisfação imediata configuram características marcantes da sociedade atual, contribuindo para a fragilização dos vínculos sociais e para o aumento de comportamentos compulsivos.

Nesse contexto, o consumo de substâncias psicoativas, como o crack, pode ser interpretado não apenas como uma prática individual, mas como expressão de um mal-estar social mais amplo, relacionado à ausência de pertencimento, à precarização das relações e à busca de alívio imediato para sofrimentos psíquicos (BIRMAN, 1999). Tal realidade se intensifica no ambiente prisional, onde a privação de liberdade se soma a condições de vulnerabilidade social e emocional, potencializando o uso de drogas como estratégia de enfrentamento.

Historicamente, o uso de substâncias esteve associado a práticas

culturais e ritualísticas; contudo, na contemporaneidade, observa-se uma mudança significativa, marcada pelo uso indiscriminado e desvinculado de contextos simbólicos, frequentemente associado à marginalização e à criminalidade (OUTEIRAL, 1999). Essa transição evidencia a necessidade de compreender o fenômeno para além de perspectivas moralizantes, reconhecendo sua complexidade biopsicossocial.

De acordo com Baremlitt (2002), cada época produz seus próprios sintomas sociais, sendo o abuso de drogas um analisador relevante das tensões contemporâneas. Assim, o consumo de crack pode ser entendido como um produto extremo da lógica consumista, caracterizado pela busca compulsiva por prazer imediato, ainda que com consequências altamente destrutivas para o indivíduo e para o coletivo. Essa dinâmica é reforçada por um sistema que estimula a satisfação instantânea e a negação da frustração, contribuindo para a manutenção de ciclos de dependência.

No âmbito do sistema prisional, tais processos assumem contornos ainda mais críticos. Conforme relatado por Varella (1999), o uso de crack está frequentemente associado à degradação das condições de vida, ao rompimento de vínculos familiares e ao aumento da violência,

revelando a gravidade do problema e a necessidade de intervenções qualificadas. Dessa forma, o consumo de drogas não deve ser tratado apenas como questão de segurança pública, mas como um problema de saúde mental e de direitos humanos.

A partir dessa perspectiva, torna-se fundamental repensar as formas de intervenção no tratamento da dependência química no contexto prisional. Merhy (1997) destaca a importância de modelos de cuidado baseados no acolhimento e na humanização das práticas em saúde, enquanto Lancetti (2006) propõe a redução de danos como estratégia eficaz para minimizar os impactos negativos do uso de substâncias. Essas abordagens apontam para a necessidade de construção de espaços que promovam o cuidado integral e a valorização da vida, especialmente entre indivíduos em situação de privação de liberdade.

Além disso, a interdisciplinaridade se apresenta como elemento essencial para a compreensão e enfrentamento da problemática, permitindo a articulação de diferentes saberes e práticas em prol de uma abordagem mais abrangente e eficaz. Conforme Minayo (1996), a análise qualitativa das experiências vividas pelos sujeitos possibilita captar dimensões subjetivas que não são acessíveis por métodos exclusivamente

quantitativos, contribuindo para a construção de intervenções mais sensíveis e contextualizadas.

Dessa maneira, a presente fundamentação teórica converge com o objetivo do estudo ao evidenciar que o enfrentamento do uso de drogas no sistema prisional requer a criação de espaços institucionais que priorizem a saúde mental, o acolhimento e a dignidade humana. Trata-se, portanto, de superar práticas punitivas e avançar na construção de propostas que promovam a reinserção social e a autonomia dos sujeitos, em consonância com a proposta central do trabalho: a valorização da vida no sistema prisional.

CAPÍTULO 02

REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

A discussão sobre a dependência química no sistema prisional não pode ser dissociada da análise da saúde mental dos indivíduos em privação de liberdade. O encarceramento, por si só, constitui uma experiência potencialmente adoecedora, marcada por perdas significativas, restrição de autonomia e fragilização dos vínculos sociais. Nesse cenário, o sofrimento psíquico não é exceção, mas regra, sendo frequentemente intensificado pelas condições institucionais.

De acordo com Birman (1999), a contemporaneidade impõe ao sujeito uma exigência constante de desempenho e adaptação, muitas vezes incompatível com suas condições reais de existência. Quando esse sujeito é inserido em um ambiente como o sistema prisional, onde predominam normas rígidas, controle e escassez de espaços de escuta, o sofrimento tende a se intensificar. A ausência de perspectivas e o sentimento de desamparo contribuem para o surgimento ou agravamento de transtornos mentais.

Nesse contexto, o uso de drogas pode assumir a função de um recurso psíquico, ainda que prejudicial, para lidar com a dor emocional.

Como observa Lancetti (2006), o consumo de substâncias psicoativas, em muitos casos, não está relacionado apenas à busca de prazer, mas à tentativa de suportar experiências subjetivas insuportáveis. No sistema prisional, essa lógica se torna ainda mais evidente, uma vez que o sofrimento encontra poucas vias legítimas de expressão.

Além disso, a ruptura dos vínculos familiares e sociais desempenha papel central no agravamento da dependência química. O sujeito privado de liberdade frequentemente vivencia o afastamento de sua rede de apoio, o que contribui para o isolamento emocional e para a intensificação de sentimentos de abandono. Segundo Canguilhem (1990), a noção de normalidade e patologia deve ser compreendida a partir das relações que o indivíduo estabelece com seu meio, o que reforça a importância de considerar o contexto prisional como fator determinante no adoecimento.

Outro aspecto relevante diz respeito à precariedade das políticas de saúde no interior das instituições penais. Embora haja avanços normativos no reconhecimento do direito à saúde da população carcerária, na prática, ainda se observam limitações significativas no acesso a serviços especializados, especialmente no que se refere à saúde

mental. Essa lacuna evidencia a necessidade de ampliar e qualificar as intervenções nesse campo.

Diante desse cenário, torna-se fundamental a construção de estratégias de cuidado que considerem a singularidade dos sujeitos e suas trajetórias. O acolhimento, a escuta qualificada e o estabelecimento de vínculos terapêuticos são elementos centrais para a promoção da saúde mental nesse contexto. Merhy (1997) destaca que o cuidado em saúde deve ser orientado pela produção de subjetividade, ou seja, pela capacidade de reconhecer o outro como sujeito de sua própria história.

Nesse sentido, pensar a dependência química no sistema prisional implica superar abordagens reducionistas e moralizantes, reconhecendo-a como um fenômeno complexo, que exige intervenções integradas e humanizadas. Trata-se de construir possibilidades de cuidado mesmo em um ambiente historicamente marcado pela exclusão, reafirmando a importância da valorização da vida como princípio orientador das práticas institucionais.

CAPÍTULO 03

QUAIS CAMINHOS ESCOLHER? QUAIS PERSPECTIVAS

QUAIS CAMINHOS ESCOLHER? QUAIS PERSPECTIVAS

A construção de respostas efetivas à problemática da dependência química no sistema prisional exige a adoção de estratégias que transcendam a lógica punitiva tradicional. É necessário pensar em práticas que articulem cuidado, escuta e responsabilidade social, promovendo a valorização da vida mesmo em contextos de restrição de liberdade.

Uma das abordagens que se destacam nesse campo é a política de redução de danos. Segundo Lancetti (2006), essa estratégia não se baseia na imposição da abstinência como única possibilidade de tratamento, mas na construção de alternativas que minimizem os impactos negativos do uso de drogas. Trata-se de uma perspectiva que reconhece a complexidade da dependência química e busca estabelecer intervenções possíveis, respeitando o tempo e as condições do sujeito.

No contexto prisional, a redução de danos pode assumir diferentes formas, desde ações educativas até a criação de espaços protegidos para aqueles que desejam interromper ou reduzir o uso de substâncias. Essas iniciativas contribuem para a diminuição de riscos associados ao

consumo e para a construção de novos sentidos para a vida, rompendo com a lógica de exclusão que historicamente marca o sistema penal.

Outro eixo fundamental diz respeito à humanização do cuidado em saúde. Merhy (1997) ressalta que a produção de saúde não se limita à aplicação de técnicas, mas envolve a construção de relações entre profissionais e usuários. No sistema prisional, isso implica reconhecer o indivíduo para além de sua condição jurídica, valorizando sua história, suas demandas e suas potencialidades.

A interdisciplinaridade também se apresenta como elemento essencial nesse processo. A articulação entre diferentes áreas do conhecimento permite uma compreensão mais ampla do fenômeno da dependência química, possibilitando intervenções mais eficazes. Conforme Minayo (1996), a integração de saberes favorece a construção de respostas mais sensíveis às realidades complexas, especialmente em contextos marcados por múltiplas vulnerabilidades.

Além disso, a criação de espaços institucionais voltados ao cuidado e à proteção do dependente químico representa um avanço significativo. Esses espaços devem ser concebidos como ambientes de acolhimento, onde o sujeito possa reconstruir vínculos, desenvolver

autonomia e ressignificar sua trajetória. Trata-se de oferecer condições para que a pessoa privada de liberdade possa se reconhecer como protagonista de sua própria história.

A valorização da vida, nesse contexto, está diretamente relacionada à possibilidade de reinvenção. Conforme Foucault (2004), a liberdade não é apenas uma condição externa, mas uma prática que se constrói no exercício ético de si. Mesmo em situações de privação, é possível criar espaços de resistência e transformação, desde que haja condições institucionais que favoreçam esse movimento.

Por fim, é importante destacar que a efetividade dessas estratégias depende do compromisso das instituições e da sociedade como um todo. A superação da lógica exclusivamente punitiva requer uma mudança de paradigma, que reconheça a complexidade dos fenômenos sociais e a necessidade de intervenções baseadas no cuidado, na dignidade e na justiça social.

Assim, pensar em estratégias de intervenção no sistema prisional é, sobretudo, pensar em caminhos que possibilitem a reconstrução de vidas. É afirmar que, mesmo diante das adversidades, o cuidado é

possível, e necessário, como forma de promover não apenas a saúde, mas a própria condição humana.

CAPÍTULO 04

PERCURSOS POSSÍVEIS

PERCURSOS POSSÍVEIS

A presente obra partiu de uma inquietação central: como pensar, no interior do sistema prisional, espaços concretos de valorização da vida para pessoas que enfrentam a dependência química de crack e outras drogas? Ao longo dos capítulos, tornou-se evidente que essa questão não pode ser respondida por meio de análises simplificadas, nem por perspectivas exclusivamente moralizantes, repressivas ou individualizantes. O fenômeno da dependência química, especialmente no contexto da privação de liberdade, exige compreensão ampla, crítica e comprometida com a complexidade da experiência humana.

O percurso desenvolvido neste livro permitiu reconhecer que o uso abusivo de substâncias psicoativas entre pessoas privadas de liberdade está inserido em uma trama multifatorial, na qual se articulam desigualdades sociais, fragilização de vínculos, sofrimento psíquico, precarização de direitos, cultura do consumo e insuficiência de políticas públicas efetivamente humanizadas. Assim, a dependência química não deve ser compreendida apenas como um desvio de conduta ou como expressão de fracasso moral, mas como um fenômeno atravessado por

condições objetivas e subjetivas que demandam análise cuidadosa e respostas institucionais qualificadas.

Nesse sentido, um dos principais argumentos sustentados ao longo da obra foi o de que o sistema prisional, embora estruturado historicamente sob a lógica do controle e da punição, não pode eximir-se de sua responsabilidade quanto à preservação da dignidade humana e à garantia do direito à saúde. Falar em valorização da vida no cárcere significa afirmar, com clareza, que a condição de privação de liberdade não anula a condição de sujeito. Ao contrário, é justamente em contextos de maior vulnerabilidade que o dever ético, político e institucional de cuidar se torna ainda mais urgente.

A análise empreendida também demonstrou que a saúde mental ocupa lugar central nessa discussão. O sofrimento psíquico experimentado no ambiente prisional não constitui elemento periférico, mas parte estrutural da vivência de muitos sujeitos encarcerados, sobretudo daqueles que fazem uso abusivo de drogas ou que já ingressam no sistema com trajetórias marcadas por exclusão, violência e abandono. Por essa razão, qualquer proposta séria de enfrentamento da dependência química no cárcere precisa superar respostas imediatistas e reconhecer a

necessidade de práticas continuadas de acolhimento, escuta, acompanhamento interdisciplinar e construção de projetos terapêuticos compatíveis com a singularidade de cada pessoa.

Outro aspecto relevante evidenciado nesta obra refere-se à necessidade de deslocamento paradigmático: do castigo para o cuidado, da mera contenção para a atenção integral, do olhar estigmatizante para a compreensão da complexidade humana. Tal deslocamento não significa negar a existência de limites, normas ou responsabilidades no cumprimento penal. Significa, antes, afirmar que nenhuma política penal se sustenta legitimamente quando negligencia a vida, a saúde e a possibilidade de reconstrução dos sujeitos sob sua tutela. O cárcere não pode ser espaço de aprofundamento do sofrimento e da desumanização; deve, ao menos em sua pretensão civilizatória, abrir caminhos para proteção, tratamento e reinserção social.

As discussões apresentadas apontaram, ainda, que estratégias como o acolhimento qualificado, a humanização das práticas institucionais, a interdisciplinaridade e a redução de danos constituem possibilidades concretas e teoricamente consistentes para o enfrentamento do problema. Mais do que mecanismos auxiliares, tais

estratégias representam formas de reorganizar o cuidado a partir de uma ética comprometida com a vida. Isso implica compreender que nem toda transformação ocorrerá de maneira linear ou imediata, mas que a existência de espaços de escuta, proteção e acompanhamento já representa ruptura importante com a lógica da negligência e da invisibilidade.

Ao propor a criação e o fortalecimento de espaços voltados ao cuidado do dependente químico no sistema prisional, esta obra defende uma perspectiva que une responsabilidade institucional, sensibilidade clínica e compromisso social. Trata-se de reconhecer que a proteção ao sujeito em situação de dependência não beneficia apenas o indivíduo, mas também repercute na coletividade, na medida em que favorece a redução de danos, a reconstrução de vínculos, a preparação para a liberdade e a possibilidade de outros projetos de vida. A valorização da vida, nesse caso, não é abstração retórica, mas diretriz prática e política.

Do ponto de vista acadêmico, este livro buscou contribuir para o debate sobre sistema prisional, saúde mental e dependência química a partir de uma abordagem crítica e humanizada, capaz de tensionar modelos tradicionais e estimular novas leituras sobre o cuidado em

contextos de privação de liberdade. Ao mesmo tempo, pretende oferecer subsídios para profissionais, pesquisadores, gestores e instituições que atuam ou refletem sobre essa realidade, reforçando a necessidade de práticas fundamentadas em conhecimento técnico, responsabilidade ética e compromisso com os direitos humanos.

Conclui-se, portanto, que pensar o cuidado ao dependente químico de crack e outras drogas no sistema prisional é pensar, em última instância, sobre o tipo de sociedade que se deseja construir. Uma sociedade que apenas pune tende a reproduzir exclusões. Uma sociedade que compreende, acolhe e intervém com seriedade amplia as possibilidades de transformação. Assim, a defesa de espaços para valorização da vida no cárcere não constitui concessão, mas exigência de civilidade, justiça e humanidade.

Por fim, permanece a convicção de que toda proposta de tratamento penal verdadeiramente comprometida com a dignidade humana precisa incluir o cuidado como eixo estruturante. Onde há escuta, há possibilidade de ressignificação. Onde há acolhimento, há chance de reconstrução. E onde a vida é reconhecida em seu valor inegociável, mesmo nos contextos mais adversos, ainda é possível sustentar a

esperança de que o sistema prisional deixe de ser apenas lugar de contenção e passe, efetivamente, a ser também espaço de proteção, responsabilidade e transformação.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- BAREMBLITT, Gregorio Franklin.** *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.
- BARROS, Regina.** Grupo e produção. In: LANCETTI, Antonio (org.). *Saúdeloucura 4*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BARROS, Regina.** Institucionalismo e dispositivo grupal. In: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; ALTOÉ, Sonia (org.). *Saúdeloucura 8: análise institucional*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BIRMAN, Joel.** *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CANGUILHEM, Georges.** *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- COSTA, Jurandir Freire.** Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2004.
- FOUCAULT, Michel.** *Microfísica do poder*. Organização de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel.** A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287. (Ditos e Escritos, v. 5).
- FOUCAULT, Michel.** *Estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- LANCETTI, Antonio.** *Clínica peripatética*. São Paulo: Hucitec, 2006.

MERHY, Emerson Elias. *Inventando a mudança na saúde*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

OUTEIRAL, José. *Drogas: uma conversa difícil, necessária e urgente*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia de Bolso, 1999.

RIO GRANDE DO SUL. Superintendência dos Serviços Penitenciários. SUSEPE. Disponível em: <http://www.susepe.rs.gov.br>. Acesso em: 16 abr. 2026.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso aberto, 284 Acolhimento, 405, 409, 432, 455, 479, 485, 487, 494, 497 Alteridade, 372 Análise Institucional, 369, 500, 503 Autonomia, 346, 355, 410, 417, 455

C

Cárcere, 349, 353, 475, 479, 483, 495, 498 Cidadania, 366 Consumismo, 324, 332, 367, 368, 399, 472 Crack, 276, 278, 324, 330, 337, 357, 360, 368, 393, 399, 402, 469, 493 Cuidado, 276, 278, 323, 329, 336, 343, 356, 405, 406, 413, 431, 433, 435, 442, 448, 449, 454, 463, 480, 486, 491, 493, 496, 498

D

Dependência química, 276, 278, 358, 368, 388, 390, 404, 413, 416, 425, 434, 441, 445, 452, 469, 471, 472, 473, 479, 491, 493 Dignidade, 343, 347, 409, 455, 461, 474, 496 Direitos humanos, 403, 492 Drogas, 276, 278, 321, 324, 325, 327, 330, 332, 334, 337, 338, 356, 357, 360, 391, 394, 398, 403, 409, 422, 444, 469, 472, 478, 493

E

Escuta terapêutica, 364 Espaços de conversação, 344

H

Humanização, 353, 405, 438, 440, 448, 485

I

Individualismo, 368, 372, 392

Interdisciplinaridade, 407, 451,
485 Investigação forense, 376,
523, 529, 535, 536

L

Liberdade, 321, 327, 346, 347,
354, 394, 410, 416, 417, 442,
456, 458, 469, 472, 474, 475,
489, 491

P

Perícia criminal, 376, 378, 380,
382, 523, 529, 535, 536 Políticas
públicas, 369, 472 Prevenção,
346, 357, 360 Privação de
liberdade, 321, 327, 347, 364,
394, 406, 416, 456, 469, 471,
472, 475, 491 Proteção, 323, 325,
329, 332, 336, 338, 454, 484,
487, 489, 498

R

Redução de danos, 405, 443, 446,

485, 489 Reinserção social, 410,
484

S

Saúde mental, 323, 329, 336,
346, 369, 403, 409, 413, 416,
429, 432, 477, 491 Sistema
prisional, 276, 278, 324, 360,
363, 370, 388, 390, 391, 394,
401, 404, 409, 410, 413, 415,
416, 419, 424, 427, 434, 438,
440, 441, 446, 447, 450, 462,
469, 474, 477, 478, 488, 491,
493, 498 Sofrimento social, 388,
390 SUSEPE, 347, 521

T

Tratamento penal, 324, 325, 331,
332, 337, 338, 342, 344, 363,
365, 370, 496

V

Valorização da vida, 276, 278,

323, 329, 336, 356, 388, 390,
406, 410, 435, 438, 440, 442,
457, 469, 475, 490, 498 Vínculos
familiares, 402, 425

**ESPAÇO PARA A VALORIZAÇÃO DA VIDA NO SISTEMA
PRISIONAL: CUIDADO AO DEPENDENTE QUÍMICO DE *CRACK*
E OUTRAS DROGAS**

Revista REASE chancelada pela Editora Arché.
São Paulo- SP.
Telefone: +55(11) 5107- 0941
<https://periodicorease.pro.br>
contato@periodicorease.pro.br

**ESPAÇO PARA A VALORIZAÇÃO DA VIDA NO SISTEMA
PRISIONAL: CUIDADO AO DEPENDENTE QUÍMICO DE *CRACK*
E OUTRAS DROGAS**

